

FERNANDO PESSOA, POETA-PENSADOR. QUATRO BREVES TEXTOS DE JOSÉ MARINHO

Jorge Croce Rivera¹

Resumo

Apresentam-se quatro breves textos inéditos de José Marinho sobre a poesia de Fernando Pessoa, redigidos circa 1971 e que se encontram no espólio do pensador integrado no Arquivo Literário de Cultura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional de Portugal; uma exposição dos elementos que contextualizam as referências a Fernando Pessoa na obra de José Marinho antecede a transcrição diplomática e uma lição crítica desses textos, momento preliminar de um ensaio, a publicar, de exegese e de hermenêutica que procurará apontar o seu interesse, não apenas para a recepção contemporânea de Fernando Pessoa, mas para a compreensão do pensamento de José Marinho, particularmente, a do último estágio da sua meditação.

273

Palavras-chaves

José Marinho; Fernando Pessoa; Poesia; Pensamento; Filosofia.

¹ CHAIA, Departamento de Filosofia, Escola de Ciências Sociais - Universidade de Évora.

Em Maio de 1974, algumas semanas após a intervenção militar que alterou o regime político em Portugal, José Marinho escreve a Eduardo Lourenço agradecendo o envio do livro *Fernando Pessoa Revisitado. Leitura Estruturante do Drama em Gente*². Na carta³, que alude entusiasmado aos acontecimentos recentes e à expectativa de transformação “[d] esta pátria tão difícil”⁴, Marinho dá conta em poucos linhas do seu posicionamento sobre Fernando Pessoa – acentuaremos, neste e em outros textos, algumas passagens *a negrito*:

[...] Foi com relutância, creio nunca lho ter dito, que acabei por admirar a estranha singularidade de Fernando Pessoa. Bastaria dizer-lho, sem demora de razões. Poeta da cisão extrema, ele não pode dar-me aquela sófica garantia da univocidade do amor e da fé, da acção e do saber sumo, além de tudo o que kantianamente ou noutra modo se auto-limita em humano conhecer.

A carta possui o interesse de apontar os poemas de Pessoa que mais o impressionaram e revelar a indicação do modo de leitura e íntima compreensão dos poemas⁵:

² Porto: Editorial Inova, 1973.

³ Carta redigida entre 24 a 27 Maio de 1974. Agradecemos a João Tiago Pedroso Lima a chamada de atenção e disponibilização desta carta, integrada no espólio de Eduardo Lourenço na Biblioteca Nacional de Portugal.

⁴ (...) Depois da maravilhosa, súbita, transmutação nesta pátria tão difícil, rica de contrastes que a confundem e tantas vezes acabam por desolá-la, aqui estamos na esperança confiante e na perplexidade.” *Ibidem*.

⁵ Um dos alunos de José Marinho no Colégio Académico, em Lisboa, o Dr. Nuno Oliveira, livreiro em Cascais, recordou-nos com emoção as aulas de literatura, ocorridas no início dos anos 50, em que o filósofo declamava e explicava a *Mensagem*.

É a “Tabacaria”, noto, um dos seus referenciais. Foi com a “Tabacaria”, ao ser publicado na *presença*⁶, que abri meus olhos de espanto. Sondei depois toda a rara maravilha de “Natal”, um dos momentos cruciais da rica poética portuguesa, que em mim, há longos anos vive rítmica e significativamente. Não tem intenção o menciono. Superando, no melhor sentido dialéctico-fenomenológico a exclusividade satisfeita da interpretação literária e psicologista, **V. atende o gradativo sentido do secreto e do oculto neste outro poeta da liberdade, mas não da ilusória libertação galicana ou europeística.**

Marinho não deixa, todavia, retomando uma das contraposições que atravessam a literatura portuguesa, de apontar a sua preferência por Pascoaes,

Assim, tal como escandalizava em Faro os meus alunos de Literatura quando lhes dizia que não era do partido de Eça de Queiroz mas do Camilo, ou como escandalizo os vários simplistas da direita ou da esquerda quando lhes digo que sou do partido de Leonardo Coimbra e não do de António Sérgio, assim também digo que não sou do partido de Fernando Pessoa mas do de Teixeira de Pascoaes.

Não pode deixar de apontar a estranha contradição do poeta do oculto tornado acessível e da dificuldade de interpretar o poeta da “ingenuidade rústica”:

Não me iludo, no entanto aí. A poesia de Pascoaes, em qualquer forma de interpretação, ou pela via da exegese, ou da hermenêutica, aparece e é singularmente difícil. Assim, aqui também, se joga em contraste de todo o todo algo que a nós ambos, e a outros lúcidos, meditativamente detém: **o poeta do oculto tornado mais acessível ao exegeta e ao**

⁶ Primeiramente publicado em *presença*, nº 39, Coimbra: Julho de 1933.

⁷ Primeiramente publicado em *Contemporânea*, nº 6, Lisboa: Dez, 1922, retomado em *Poesias* (nota explicativa de Luis de Montalvor e João Gaspar Simões. Lisboa: Ática, 1942.

hermeneuta, o poeta inspirado da ingenuidade rústica, mas sábia, desafiando há longas décadas os mais dotados entre nós.

Há, no entanto, para além, do acolhimento generalizado, no poeta da liberdade, “o perigosamente lúcido, de imaginação situada”, uma dificuldade na interpretação do caminho de libertação que aponta:

Difícil ainda hoje (mas ah! sempre...) que estes homens tíbios, de societária valentia, compreendam Fernando Pessoa, o perigosamente lúcido, de imaginação situada – coisa rara em qualquer parte. Difícil compreenderem-no, neste país de ficção, difícil compreenderem o que finge para nos libertar da ficção, do pensar e do agir enredados na imagética obsessiva da vigília frustrada e acordado sonhar.

Mas, logo, Marinho retoma a atitude humilde, confessando os limites do seu conhecimento da obra do poeta: “Eu, entretanto, devo confessar, só em parte da obra o pensei e repensei. Nunca li, por exemplo, o seu infausto *Fausto*. [...]”⁸

Carta intensa, cada trecho merece ser comentado e interpretado: ela contém informações do maior interesse para a recepção contemporânea de Pascoes e Pessoa, mas onde se descobre o fundo de uma polaridade decisiva.

Não surpreenderá, decerto, o interesse de José Marinho pela poesia, pois, como escreve num dos textos introdutórios destinados a *Teoria do Ser e da Verdade*, ele é poeta e homem religioso convertido a filósofo, numa transmutação que manteve a fidelidade ao de

⁸ Alguns excertos de “Fausto” surgiram em *Poemas Dramáticos de Fernando Pessoa* (org. de Eduardo Freitas da Costa, 1952). A primeira edição, abrangente do extenso material existente na “arca” do poeta, foi preparada por Teresa Sobral Cunha e publicada em 1988, com prefácio de Eduardo Lourenço: *Fausto. Tragédia Subjectiva (fragmentos)*. Lisboa: Presença, 1988. Indicaremos *infra* na nota 16 o quadro das publicações póstumas de Fernando Pessoa contemporâneas de José Marinho.

que partiu, interiorizando na consciência do filósofo a potência das relações imagéticas e emocionais, suscitando uma contradição vital que o deixa sempre em inacabamento:

[...] Não sou filósofo mas homem religioso e poeta convertido a filósofo. Entrei como que forçado no grémio dos que pensam. Outrora o atribuí a ao Mestre terreno. Hoje que penso serem todos os mestres discípulos além de toda a relação de espaço e toda a filosófica iniciação, sei que de mais alto ou mais fundo fui forçado. Não sei porquê, pois nada de novo digo ou adianto. É esse facto no qual desde início nada mudou. Para mim, desde que me pus a caminho, o tempo nunca foi mais que tempo, o homem mais que homem, fiei todo o ser da Eternidade e toda a verdade da impossível e impercível Luz. No entanto, se alguma coisa de essencial permaneceu e permanece, noutra aspecto a transmutação ou a metamorfose foi tão funda, que me espanto de mim próprio, e percorro na memória o meu pensar como quem em si mesmo visse toda a contradição do homem e perscrutasse toda a relação entre a plenitude e o Nada. É um traço do meu carácter que nada posso pensar concretamente até ao fim. O pensamento emerge nas relações imagéticas ou emocionais que lhe são próprias. Pouco a pouco, porém, todo o vital fica atrás.⁹

⁹ TSV-II, p. 792. Referem-se as obras de José Marinho pelas seguintes abreviaturas:

ASQMI-Aforismos sobre O Que Mais Importa, “Obras de José Marinho” (ed. Jorge Croce Rivera), Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994); **COR** - Correspondência, vol. do apêndice documental de A Meditação do Tempo no Pensamento de José Marinho, Dissertação de Mestrado em Filosofia em Portugal, apresentada por Jorge Croce Rivera à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1989); **DISP** - Dispersos, vol. do apêndice documental de A Meditação do Tempo no Pensamento de José Marinho, Dissertação de Mestrado em Filosofia em Portugal, apresentada por Jorge Croce Rivera à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1989); **EAS** - Elementos para uma Antropologia Situada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica, 1966); **Ensaaios** - Ensaaios de Aprofundamento e outros textos, “Obras de José Marinho” (ed. Jorge Croce Rivera), Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995; **FEI** - Filosofia: Ensino ou Iniciação? Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica, 1972); **FPUF** - Filosofia Portuguesa e Universalidade da Filosofia e outros textos, “Obras de José Marinho” (ed. Jorge Croce Rivera), Vol. VIII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007); **DLN** - Da Liberdade Necessária e outros textos, “Obras de José Marinho” (ed. Jorge Croce Rivera), Vol. VII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006); **NIS** - Nova Interpretação do Sebastianismo e outros textos, “Obras de José Marinho” (ed. Jorge Croce Rivera), Vol. V. Lisboa: Imprensa Nacional-

Não surpreenderá, também, colocadas filosofia e poesia entre Plenitude e Nada, visando ambas a sabedoria, que as relações entre poesia e filosofia, nas suas afinidades e contrastes, se tenham tornando um tema fundamental da sua meditação, retomado em vários momentos do seu percurso. Assim, num dos textos preliminares da obra sobre Teixeira de Pascoaes que o ocupou no início dos anos 50, considerando as relações entre poesia e filosofia, em que convoca os poetas contemporâneos que toma por “primaciais”, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa e José Régio, ele aponta para além das superficiais divergências, o fito comum da filosofia e da poesia, a sabedoria:

Há certamente relações entre poesia e filosofia tanto como entre filosofia e poesia. As primeiras, porém, são de sua natureza tácitas, implícitas, ainda quando explícitas, inexplicáveis; as segundas, pelo contrário, têm a palavra que não só as explicita mas as explique.

Esta consideração, ao mesmo tempo que sugere a profunda diferença entre filosofia e poesia, abre caminho para a melhor compreensão de ambas. Nós estamos, neste ponto, em situação de desfavor perante outros povos da Europa. A responsabilidade disso não cabe por certo aos nossos poetas primaciais nem aos nossos pensadores.

Um grande poeta digno deste nome, mesmo quando seja um poeta menor, admitindo que a poesia nada ou pouco pode ter que ver com ciência, enquanto saber de experiências feito, sabe *sempre* que ela tem que ver *sempre* com ciência enquanto sabedoria. E se se

Casa da Moeda, 2003); **PFLC**- O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra e outros textos, “Obras de José Marinho” (ed. Jorge Croce Rivera), Vol. IV. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001); **SVM** - Significado e Valor da Metafísica e outros textos, “Obras de José Marinho” (ed. Jorge Croce Rivera), Vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996); **Teoria** - Teoria do Ser e da Verdade. Lisboa: Guimarães Editores, 1961); **TSV** - Teoria do Ser e da Verdade, “Obras de José Marinho” (ed. Jorge Croce Rivera), Vol. IX. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Tomo I, 2009; Tomo II, 2011; Tomo III- 2016; **TPPOS** - Teixeira de Pascoaes, Poeta das Origens e da Saudade, “Obras de José Marinho” (ed. Jorge Croce Rivera), Vol. VI. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005); **VCD** - Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo. Porto: Lello & Irmão Editores, 1976).

trata de um poeta primacial, chame-se ele Pascoais, Régio ou Pessoa, então, por mais que ele possa desdenhar de filosofia ou filósofos em displicentes horas de mau ou bom humor, sempre é certo que participa (e quantas vezes de modo mais directo e constante!) daquela mesma sabedoria que o filósofo, se propõe já não só simbolizar, mas, quanto possível, dizer.¹⁰

Se a relação entre filosofia e poesia lhe foi íntima, ela foi também animada pelas relações conviviais que estabeleceu durante a sua vida com poetas e literatos: Marinho, ele mesmo jovem poeta, estabeleceu amizade com José Reis Pereira, ainda de ser conhecido como José Régio, desde os anos de liceu - o início da correspondência entre ambos data de 1920- , num convívio que se acentuou e alargou, depois, após o ingresso na Faculdade de Letras do Porto na licenciatura em Filologia Românica, com condiscípulos, Adolfo Casais Monteiro, Álvaro Ribeiro, Sant'Ana Dionísio, ente outros, e professores, muito deles figuras maiores da *Renascença Portuguesa* - Leonardo Coimbra, Teixeira Rêgo, Luís Cardim, Hernâni Cidade; entusiasta de Pascoaes, Marinho terá neste período encontrado o poeta numa das suas estadias no Porto, a quem irá dedicar a dissertação final, "Ensaio sobre a Obra de Teixeira de Pascoaes", que discutiu em 1925.

Nesse período de jovem intelectual, Marinho participou activamente nos círculos literários do Porto, mesmo quando exerceu docência liceal em várias cidades do país: Faro, Lisboa, Vila Real, Viseu; regressando periodicamente ao Porto, à "Pátria", como denominava a cidade natal, participava em diferentes tertúlias, seja com os antigos professores, em particular com Leonardo Coimbra, seja naqueles grupos da mesma geração. A vitalidade intelectual desse período evidencia-se nos seus "Cadernos de Reflexão sobre a Cultura e Vida", espécie de diário intelectual, que manteve entre 1924 e 34, neles anotando reflexões e

¹⁰ TPPOS, p. 202.

esboçando breves ensaios. Será dos “Cadernos” que seleccionará os textos que irão compor sua primeira obra filosófica, *Aforismos sobre O Mais Importa*, que preparou para ser editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra em 1934, mas cuja publicação suspendeu.¹¹

É neste contexto que Marinho surge como um dos mentores da revista *Princípio*, uma publicação de existência breve – durou entre Julho e Novembro de 1930 - que procurou, ao mesmo tempo, manter e renovar o ideário de *A Águia*¹², e relacionar-se com a *Seara Nova* e a *presença*, cujo projecto Marinho acompanhava desde início, mercê a sua amizade com José Régio e Adolfo Casais Monteiro. Na *presença*, Marinho publicou diversos ensaios, aforismos e um diálogo¹³ e terá sido através dela, como a indicação da carta a Eduardo Lourenço sugere, que terá tido conhecimento dos poemas de Pessoa ali publicados; é aliás numa carta a Adolfo Casais Monteiro, de 1929, que surge a primeira referência a Pessoa.¹⁴

¹¹ Sobre a suspensão da publicação pela Imprensa da Universidade de Coimbra, cf. “Apresentação” de ASQMI, pp. 14 e ss.

¹² “As duas tradições”, nº1, 15 de Maio de 1930, e “Considerações sobre uma apoteose”, nº3, “5 de Junho de 1930; textos reproduzidos em DISP.

¹³ “O Equívoco Chestoviano”, n.º 29, Novembro-Dezembro, 1930 (Ensaio, p.33); “Reflexões e Aforismos”, n.º 32, Margo-Junho, 1931 (ASQMI, p. 397); “Diálogo sobre a Imortalidade”, n.º 37, Fevereiro, 1933 (Ensaio, p.39); “Aforismo e Discurso”, n.º 43, Dezembro, 1934 (Ensaio, p. 321); “Reflexões sobre Religião, Deus e Mandamento”, n.º 46, Outubro, 1935 (Ensaio, p.419); “O Homem, suas Possibilidades e Valores no Pensamento de Leonardo Coimbra”, n.º 50, Dezembro, 1937 (PFLC, p. 87); “Razão e Irracional”, n.º 1, 2.a Série, Novembro, 1939 (SVM, p. 240).

¹⁴ Carta de José Marinho a Adolfo Casais Monteiro, 28 de Setembro de 1929: “(...) Quanto ao problema que me propõe citando Fernando Pessoa sobre se a arte é triste julgo-me apto a resolvê-lo. A arte não é triste nem alegre neste sentido de que a arte não é resultado simplesmente da nossa actividade emotiva. A tristeza e a alegria podem informar a imaginação do artista assim como o desespero, a dúvida, o pavor, a esperança, a fé etc. Ora se a arte é mais predominantemente triste é porque o homem é triste. Quanto à influência que exerce sobre nós cabe distinguir duas atitudes: a receptiva em que procura a nossa alma realizar o uníssono com a alma do artista; a compreensiva em que para além desse uníssono tentamos reproduzir-nos não o estado de espírito capaz de a receber, mas a actividade de espírito capaz de entender o fim ou sentido da obra e a concepção do artista independentemente da vida emotiva em que se gerou. No primeiro caso sentiremos a tristeza se a obra é triste e a alegria se é alegre. No segundo nem uma nem outra coisa. Que lhe parece isto? São primícias que lhe ofereço de reflexões que já traduzi nos meus cadernos. (...)”BNP ESP E 15a11258.

Dessa atenção a Fernando Pessoa, é sinal também a recensão que redige de *O Mistério da Poesia*¹⁵, de João Gaspar Simões, em *A Águia*, apontando o interesse do ensaio sobre a génese “psico-socio-gnoseológica” da poesia em Fernando Pessoa.

Esta proximidade de amizade, ter-lhe-á pois facilitado o conhecimento da publicação dos livros de Fernando Pessoa na Ática, cujos editores literários eram inicialmente Luís de Montalvor e o seu amigo Adolfo Casais Monteiro.¹⁶ De facto, no período em que vieram

¹⁵ “Os ensaios que melhor me parecem exemplificar o primeiro processo tem por objecto Fernando Pessoa e António Boto. Aqui, o autor procura remontar à vida íntimas dos poetas, procurando nela a génese da obra. Mas em que sentido a explicação humana da obra de arte é a explicação da obra de arte? Parece-me que neste caso se revela ainda o equívoco, comum entre nós, da substituição do estudo do autor ao estudo da obra, embora realizado de maneira superior não se trata, com efeito, do estudo externo e anedótico do autor, mas do seu estudo psicológico e íntimo. Isto não se vê só entre nós actualmente, é certo. Mas não será, em todo o caso, um equívoco?” “O Mistério da Poesia”, por João Gaspar Simões, *A Águia*, nº2, XXº Ano, Março-Abril 1932, pp.107-08, DISP, p.256.

¹⁶ A entrada do “Arquivo Virtual da Geração do Orpheu”, da página modernismo.pt, relativa às edições póstumas de Fernando Pessoa, permite conhecer o quadro geral os textos a que Marinho poderia ter tido acesso ao longo da seu percurso intelectual, tanto mais que muitos dos editores foram seus amigos, conviventes ou figuras próximas: Adolfo Casais Monteiro, João Gaspar Simões, Álvaro Ribeiro, Joel Serrão, Jorge de Sena, Pedro Veiga: “(...) O ano de 1942 marca o início da era das grandes publicações póstumas pessoanas. Antes mesmo do primeiro volume das “*Obras Completas de Fernando Pessoa*” na edição Ática, saíram os dois volumes da antologia “*Poesia. Fernando Pessoa*”, organizada por Adolfo Casais Monteiro para a Editorial Confluência, que foi todavia obrigada a retirá-la do mercado por decisão judicial no processo que lhe moveu a Ática. A antologia (que veio a conhecer em 1945 uma segunda edição num só volume) incluía os três poemas inéditos de “*No Túmulo de Christian Rosencreutz*”. A edição Ática compôs-se dos seguintes volumes: com organização de João Gaspar Simões e Luís de Montalvor, *I – Poesias de Fernando Pessoa* (1941), *II – Poesias de Álvaro de Campos* (1944), *III – Poemas de Alberto Caeiro* (1946), *IV – Odes de Ricardo Reis* (1946), *V – Mensagem* (1946), *VI – Poemas Dramáticos de Fernando Pessoa*” (org. de Eduardo Freitas da Costa, 1952), *VII – Poesias inéditas (1930-1935)* e *VIII – Poesias inéditas (1919-1930)* (org. de Jorge Nemésio, 1955 e 1956), *IX – Quadras ao gosto popular* (org. de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho (1965), *X – Novas poesias inéditas de Fernando Pessoa* (org. de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno, 1973) e *XI – Poemas ingleses publicados por Fernando Pessoa* (org. de Jorge de Sena, 1974). Gaspar Simões, afastado da edição a partir de 1946, não se coibiu de criticar os organizadores dos volumes subsequentes, provocando uma polémica que não seria a única sobre métodos e critérios editoriais. Em 1943, Álvaro Ribeiro publicou e comentou os textos de Pessoa sobre *A Nova Poesia Portuguesa*, originalmente publicados em 1912 em *A Águia* (Inquérito); em 1945, Joel Serrão revelou as *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Cortes-Rodrigues* (Confluência); e um dos grandes acontecimentos editoriais de 1946 foi a publicação, por Jorge de Sena, das *Páginas de Doutrina Estética* (Inquérito), volume que passou a constituir uma obra pessoana de referência. A partir de 1951, na cidade do Porto, Pedro Veiga (Petrus) iniciou a publicação irregular de uma série de volumes contendo poesia e prosa de Pessoa, com títulos variegados como *A Análise da Vida Mental Portuguesa*, *Sociologia do Comércio*, *Crónicas*

a lume as primeiras publicações de Fernando Pessoa editados pela Ática, a década de quarenta e o início de 50, são frequentes as referências directas a Fernando Pessoa.

Essa foi uma época particularmente criativa para José Marinho: tendo acabado de publicar a sua obra sobre Leonardo Coimbra, retomou a exposição do seu próprio pensamento especulativo, primeiro, com a redacção de “Elementos para uma teoria do ser e da verdade”, de 1943 a 47, depois, do que denominámos proto-versão da “Teoria do Ser e da Verdade”¹⁷, que desenvolverá até 1952; concomitantemente, elaborou um estudo sobre o Sebastianismo, explicou, em lições a um grupo de médicos, a sua visão do mundo, com o título “Condição e Destino do Homem”¹⁸, redigiu vários ensaios sobre Sampaio Bruno¹⁹ e sobre Guerra Junqueiro²⁰ e encetou a obra sobre a poesia de Pascoaes, que recebeu o título de “Teixeira de Pascoaes, Poeta da Saudade e das Origens”, entre outras denominações, projecto que não concluiu – além de uma multiplicidade de artigos e ensaios. Recorrente em todos estes intentos o debate, que prosseguem as conversas e discussões das tertúlias que frequenta, sobre as relações entre filosofia e poesia - o tema é alias explicitamente abordado

Intemporais, Hiram, Regresso ao Sebastianismo, Almas e Estrelas, etc., colectâneas desordenadas mas que permitiam o acesso a textos pessoanos pouco conhecidos ou mesmo esquecidos. As “*Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*” foram publicadas pelo destinatário em 1957 (Europa-América); em 1958, Jorge Nemésio revelava poemas e planos editoriais inéditos de Fernando Pessoa em “*A obra poética de Fernando Pessoa. Estrutura das futuras edições*” (Progresso Editora, Bahia). (...) Em continuação das “*Obras Completas*”, a Ática iniciou em 1966 a publicação da obra de Fernando Pessoa em prosa, com *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação* e *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, organizadas por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, e que vieram enriquecer de modo notável o conhecimento dos inéditos pessoanos. O mesmo se diga com a saída, em 1968, dos dois volumes de *Textos Filosóficos*, com organização de António de Pina Coelho (bem como os *Textos para Dirigentes de Empresas*, esse organizado, em edição fora do mercado, por Eduardo Freitas da Costa).”

¹⁷ Para os textos de “Elementos para uma teoria do ser e da verdade”, consultar SVM e TSV-I.

¹⁸ PFLC, p.231-437.

¹⁹ NIS, pp. 517-553.

²⁰ “Um Peregrino do Amor e da Verdade”, *O Primeiro de Janeiro*, 13 de Setembro de 1950, NIS, p. 569-70; “Poesia e Verdade em Guerra Junqueiro”, *Ocidente*, nº 149-150, 1950, NIS, p.571-77.

em vários artigos nas páginas literárias de *O Primeiro de Janeiro*: “Sobre Poesia”²¹, “Filosofia e Poesia”²², “Poesia e Saber Poético”²³ e é referido na correspondência como um dos temas dos debates em que participavam os antigos condiscípulos da Faculdade de Letras do Porto, e intelectuais de outros grupos e novas gerações.

Dessa convivência e da consciência de que toda a poesia tem implícita uma filosofia, como uma visão do mundo, é sinal o ensaio “Poesia e Verdade em Guerra Junqueiro”, no qual se evidencia o interesse partilhado por Fernando Pessoa, na referência ao prefácio de Álvaro Ribeiro à edição de textos de Fernando Pessoa a *A Nova Poesia Portuguesa*:

O juízo sobre a filosofia de um poeta, e não há poeta, no mais nobre sentido, que não tenha uma filosofia pelo menos implícita, nunca poderá proferir-se com a facilidade tão comum nos dias de hoje. Supõe a intuição adequada e, sobre isso, estudo lento e muitas vezes repetido, atendendo às formas diferentes que num povo podem assumir as relações do taciturno ou semi-explicito pensamento com o pensamento especulativo. Constituem essas relações aquele diálogo tão significativo, desde os Gregos, em todos os altos momentos da cultura europeia, e certamente decisivo entre nós desde Antero, para o qual Álvaro Ribeiro chamou a atenção com a sua habitual subtilidade e lucidez. [em “*Fernando Pessoa, filósofo e poeta*”, prefácio a *Nova Poesia Portuguesa*, ed. Inquérito, Lisboa, 1946.²⁴]²⁵

Convivendo de muito próximo com personalidades pertencentes a grupos literários de diferentes orientações, os herdeiros da Renascença Portuguesa, os antigos docentes da

²¹ *O Primeiro de Janeiro*, 25 de Agosto de 1948; NIS, p. 422.

²² *O Primeiro de Janeiro*, 20 de Outubro de 1948; NIS, p. 427.

²³ *O Primeiro de Janeiro*, 20 de Maio de 1952; TPPOS, p. 601.

²⁴ A referência bibliográfica, que aqui colocamos entre parênteses rectos, reproduz uma nota de rodapé autógrafa do próprio José Marinho.

²⁵ NIS, p.572.

Faculdade de Letras do Porto, os discípulos de Leonardo Coimbra, os autores modernistas, mas também com personalidades afins do neo-realismo e do pensamento monárquico, Marinho procurou com a isenção possível não ficar preso nas animosidades pessoais.

Interessante perceber esta difícil posição num carta a José Régio, e que alude à recente publicação por João Gaspar Simões da biografia de Fernando Pessoa, a que Marinho reconhece qualidades mas aponta simplismos modernistas, a “visão psicologista”, rejeições e denegações que António Sérgio também cultivava; desse modernismo, teria participado Régio, mas “a atenção ao Anjo” tê-lo-ia afastado desses simplismos.

A carta permite também compreender a ambiência dos círculos literários, na preocupação de Marinho dissipar junto e de Pascoaes a referência a Pessoa no seu ensaio sobre Guerra Junqueiro:

Desde que aqui estou, venho pensando em dar-te notícias e pedir-te umas linhas. Como hoje me meti contigo num artigo para o Janeiro, mando este biombo. Gente rabiosa, vocês, os poetas, jàmais aceitam o que se lhes dá. Por mais que um pobre intérprete se esforce por colher do seu pomar uma maçã saborosa para oferecer, vêem sempre bicho debaixo da casca. (Por isso percebes que fiquei com pedra no sapato quanto ao que me disseste sobre as minhas alusões a poetas no estudo sobre Bruno). O aludido artigo, como verás, é sobre Junqueiro. Ficas avisado de que nele te separo do modernismo e te empurro para junto do poeta da Pátria e das Orações. Se me fizerem os dois bulha um com o outro, não tenho culpa: é o que as minhas tablettes dão. Quem vai ficar furioso, se vir, é o Pascoais. Trago lá também à balha o Pessoa, e embora o crucifique na “distância impossível de percorrer”, o Pascoais / não perdoa tais vizinhanças. Vou mandar-lhe também uma carta a servir de biombo. [...]

A-propósito, ou despropósito: leste o livro do Simões sobre Pessoa? Deves ter reagido violentamente. Teremos em Setembro, se Deus e os Anjos quiserem, longa conversa sobre

isto. Desde já te digo que eu não reagi da mesma maneira: primeiro não gostei daquela primeira parte que tinha lido, depois gostei um pouco, agora não sei. Como evocação do homem e do ambiente, tem sugestão, tem poder. A exegese da poesia é mais fraca, aliás o Simões é de tendência um novelista, e é-o na própria crítica. O mais grave é o que do livro resulta. A crítica modernista encontra-se, afinal, com as negações e exclusões classicistas do Sérgio. Eu já aliás o vira em ti próprio na fase modernista <e sergiana> que, graças ao Anjo, superaste. Creio ter dito sobre estas coisas algo de muito importante — já no estudo da “Ocidente”; confirmá-lo-ei, em forma mais explicativa, inequívoca e directa, no ensaio para a revista “Prometeu”. Ainda não escrevi ao Simões a agradecer-lhe o livro.²⁶

286 Se nestes textos José Marinho não hesita em caracterizar Pessoa como um dos “poetas primaciais”, a par de Pascoaes e de Régio, de considerar *Marános* e *Mensagem* “formas excelsas da poesia”²⁷, de caracterizar o poeta de “superiormente dotado”, ou, numa resposta crítica a uma alocução do Bispo do Porto, apontar Pascoaes e Pessoa simultaneamente como “heréticos” e “poetas inspirados”²⁸; todavia, para além das referências ao seu valor e importância, a interpretação de Pessoa não deixa de se revelar crítica. Um apontamento para *Nova Interpretação do Sebastianismo*, a comparação entre *Mensagem* e *Maranos*, permite-lhe sublinhar a dimensão de *finitude*, a visão descontínua, a quebra de confiança com os deuses e a natureza, a dependência de um “obscuro fundo”, mas sobretudo a “nostalgia de um apelo divino que não pode acreditar”:

²⁶ Carta de José Marinho a José Reis Pereira, 18-26 de Agosto de 1950, in COR, p.156.

²⁷ O capítulo “A forma poética excelsa”, desenvolveria a presença do sebastianismo na *Maranos* e na *Mensagem*. As primeiras linhas deixam perceber o valor que atribuía a Pessoa, colocado a par de Pascoaes e de Régio: “É preciso ser Poeta superiormente dotado, como Pascoais, José Régio ou Fernando Pessoa para ter do autêntico valor e intrínseca verdade da Poesia o sentido adequado.” NIS, p.176.

²⁸ FPUF, p. 349.

O contraste com a poesia de Fernando Pessoa é nítido no fundo como na forma. Une-os, no entanto, o sentido profético, mais calmo, mais sereno, quasi idílico em Pascoais, mais infinit[amente] dramático e... em Pessoa.

Mas Pessoa é um poeta de poesia finita, tudo nele é finitude. Há nele, com uma consciência extrema da crise da arte contemporânea, **uma nostalgia de um apelo divino no qual não pode acreditar.**

Poesia finita, a de Fernando Pessoa é, na Mensagem, poesia breve, epigramática. Não se trata como em Pascoais de uma visão de vários pontos e que longamente emerge e se desenvolve. Em Pessoa a sua visão descontínua surge a espaços para logo se velar. Poesia cerrada à relação confiante com os deuses e a natureza, ela provém de um obscuro fundo de além [...] ²⁹

Por vezes a menção a Fernando Pessoa sugere uma denúncia desse sucesso; assim, no ensaio “Sampaio Bruno”, contributo para *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, Marinho, referindo o poema de Pessoa sobre Gomes Leal, escreve:

Não citamos **o poeta da magia encantatória** pelo mero propósito de tornar **mais agradável o nosso caminho e o do leitor**. Pretendemos sugerir as fundas relações do pensamento de Bruno e da poesia próxima. ³⁰

Ou, no artigo “Poesia e Verdade em Guerra Junqueiro”, refere que

[...] Os filhos desta época parcial e apressada recusam a responsabilidade de ligar o céu e a terra, o divino e o humano. Falta-lhes o sentido angélico ou o sentido cósmico. Por isso tanto gostam das sérias brincadeiras do heterónimo Caeiro com a mística e a metafísica, e

²⁹ Conjunto de autógrafos, s.d., [Circa 1947], BNP Esp. E6/1208-1218.

³⁰ “Sampaio Bruno”, in *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, Vol. II, Lisboa, 1948; NIS, p.534.

com o sentido profundo que têm as formas de ser mais humildes. Mas, verdadeiramente, se a árvore é só árvore, se o vento é só vento e se o homem é só homem, vã é não só toda a temporal ciência dos fenômenos ou aparências, mas também toda a ciência iniciática do mistério luminoso e patente ou tenebroso e oculto.³¹

Trata-se de salvar a ciência, seja a dos fenômenos, seja a ciência iniciática, e o filósofo resiste ao encantamento de confusão entre mística, metafísica e a experiência dos seres humildes. Retenha-se a utilização da expressão “séria brincadeira”; ela parece remeter para as respostas de Teixeira de Pascoaes em entrevista publicada em data próxima dos artigos sobre Guerra Junqueiro, questionado sobre o valor de Pessoa e da sua poesia:

[...] não digo que foi mau poeta. Digo que não foi poeta, isto é, nem bom nem mau poeta. E se foi poeta, foi-o só com exclusão de todos os outros, desde Homero até ao nossos dias...” –, inclusive, como um mero “ironista” que, enquanto tal, não se deve tomar a sério –nas suas palavras:

Considero, sim senhor, Fernando Pessoa um grande talento. Mais: afirmo que como crítico e como ironista não houve outro que o igualasse. Nem o Camilo nem o Eça, nem o Fialho (que, quando atingia o máximo da expressão, era superior ao Camilo e ao Eça). Mas depois veio Fernando Pessoa, e foi o mais genial de todos (tão genial, que o tomaram e tomam a sério, o que não aconteceu aos outros).³²

E, sobre “Tabacaria”, o poema que tinha abertos os olhos a Marinho, Pascoaes aponta:

³¹NIS, p. 574.

³² *O Primeiro de Janeiro*, 25 de Maio de 1950.

Veja a “Tabacaria”: não passa duma brincadeira. Que poesia há ali? Não há nenhuma, como não há nada... nem sequer cigarros!... Fernando Pessoa tentou intelectualizar a poesia e isso é a morte dela. É roubar o espontâneo à Alma Humana, isto é, o que ela tem de Alma Universal ou de poder representativo da realidade. Veja o poema (o poema?!) que começa “o que nós vemos das coisas são as coisas”... Isto não é poesia, nem filosofia, nem nada.³³

Partilhando pois a crítica de Pascoaes a Pessoa, Marinho não parece todavia repetir *ex auctoritate* a desvalorização das “brincadeiras”, que diz, no entanto, serem “sérias”, antes ela surge da atenção e reflexão. Há, escreve, nas concepções de Pessoa, inconsistência metafísica, como lhe aponta, em meados dos anos 50, num período em que redigiu diversos ensaios sobre questões de filologia, discutindo a noção de “objecto” permite-lhe crítica directamente a poesia de Alberto Caeiro, “o heterónimo do desesperado Fernando Pessoa”:

Se pensarmos na origem significativa de “objecto”, encontramos um verbo latino que significa “lançar-se ao encontro de”. “Objecto” é um participio passado substantivo e significa, pois, “o que foi lançado se lançou ou se lança ao encontro de.”

Se, posto isso, nos interrogarmos sobre o que seja aquilo ao encontro de que os seres e as coisas do mundo são lançadas, encontraremos que são lançadas ao encontro dos seres capazes de os representar e conceber, ou sejam os homens, visto como, de nossa geral e certa notícia, só estes, sendo capazes de sentir e perceber, são capazes ainda de aperceber-se, conceber e compreender. Os seres e as cousas (receio aqui ser mais difícil) não são certamente passivos apenas do saber e do conhecimento do homem, (como na ordem do posto é aparentemente, e só aparentemente.) como nós sugere a admirável palavra latina, eles lançam-se para ele carregados de uma significação latente que procura ser interpretada

³³ *Ibidem.*

e decifrada. **O equívoco do idealismo sem corpo é supor justamente, como o heterónimo do desesperado Fernando Pessoa, que as cousas são apenas cousas: aliás, a própria poesia o desmente ao tornar as cousas “apenas cousas” e os seres apenas seres, em cousas e seres significativos. Não menor equívoco é o dos partidários de um realismo ou materialismo que, por terem ou se atribuírem demasiado corpo, supõem possível dispensar a cabeça, ou seja, as ideias e o pensamento.**³⁴

Ou, já no início da década de 60, em resposta a um inquérito cuja pergunta aludiria a tese de Pessoa sobre o “provincianismo” cultural português, Marinho não hesita em apontar o simplismo de muitas das distinções a que Pessoa e “os modernistas em geral” recorreriam.³⁵

³⁴ DLN, p. 397.

³⁵ “1) Que pensa da tese de Fernando Pessoa sobre o provincianismo? O pensamento de Fernando Pessoa não constitui uma tese mas uma hipótese. Em que medida pode o termo provincianismo e o que ele significa ser desviado do seu sentido restrito e preciso para um sentido mais amplo? São frequentes tais usos ou abusos dos termos e respectivos conceitos em todo o tempo e mais flagrantes nos nossos dias. Assim, por exemplo, chama-se lírica a toda a poesia impregnada de subjectividade irreprimível ou intransferível. No entanto, o que assim parece lírico, por preconceito clássico ou moderno das distinções locais dos géneros poéticos, pode não ser lírico em sentido estrito ou restrito. Tal é, por exemplo, o caso de Teixeira de Pascoais, esse poeta verdadeiramente genial que só agora estamos porventura em condições de adequadamente interpretar: tanto é certo haver um abismo entre sentir e ver a beleza ou a verdade de um poeta ou de um filósofo e só volvidos muitos anos estamos em condições de a dizer nos termos próprios. Direi outro exemplo, não já na ordem estética, mas na ordem política. Generalizou-se desde há anos o termo fascismo para designar regimes ou situações políticas análogas na conformação ou no momento de emergência com o já pretérito regime italiano. A analogia, porém, tanto é fonte de saber como modo de iludir o saber autêntico do que é tal qual é, ou do que não é tal qual não é. Por outro lado, a generalização pode considerar-se numa gnoseologia de base empírica [[um]] precário aliás modo, de assumir essas maravilhosas formas do espírito que são as ideias, mas redonda em falácia do entendimento ou da compreensão quando se aplicam aos análogos mas diferentes factos fenómenos, situações ou seres concretos com que real e verdadeiramente deparamos. Trata-se de saber o que é lírico e o que não é lírico, o que é fascismo e o que não é fascismo, o que é provincianismo e o que não é provincianismo. **Trata-se de não evitar confusões mediante distinções precárias. Ora, Fernando Pessoa, como em geral os chamados modernistas, parte da situação confusa ou confundida que é a do homem contemporâneo á direita ou à esquerda, em cima ou em baixo.**” Conjunto de autógrafos, s.d., [Circa 1960], BNP Esp. E6/3902.

Esta atitude, não de desvalorização, mas de crítica e distanciação, revela-se também na nota, que terá de ser lida com cuidado hermenêutica, por ter sido riscada pelo autor, redigida provavelmente em 1945, a nota surge num dos textos preparatórios para o seu contributo para *Testemunhos*, volume de homenagem a Leonardo Coimbra, e nela Marinho explicita a derrota que sente ante a poesia de Pessoa, que lhe foge para longe, “céus remotíssimos”; e em Pessoa acentua a proximidade essencial de Pascoaes e Bruno, desvalorizando a afinidade do “poemórfico” Leonardo:

[[Quando [[os]] <os> amigos [[e discípulos]] <ou aos discípulos [[mais avisados]] de Leonardo Coimbra> exponha esta maneira de <o> ver <nas suas viventes e patentes relações espirituais> aos homens que pela vida e pela obra mais significativas <junto dele> aparece requerem-me alguns que ponha aí Fernando Pessoa e alguns mais. Mas, confesso, **Fernando Pessoa derrota-me e intimida-me, foge-me <afinal> para céus remotíssimos.** [[E dos outros aparece ainda incesto o destino formado.]] <Aliás a afinidade de Pessoa é com o renunciador e apoético Bruno, não com o poetimorfo pensador de A Alegria, a Dor e a Graça.> Certo, é porém, que [[situado e]] relacionado com os seus [[p o]] afins [[(e a afinidade de Pessoa, poeta do oculto, é mais é um Bruno) não com Leonardo]] Leonardo Coimbra ganhou de súbito vulto e grandeza.]]³⁶

Se a Marinho Fernando Pessoa escapa, não sem ironia, para “céus remotos”, o poeta é mencionado igualmente em *A Saudade na Ilha Encoberta*, projecto de texto de síntese da *Nova Interpretação do Sebastianismo*, de que só se encontrou o esquema de desenvolvimento. Na sequência de alíneas, em que se pode descobrir o delineamento geral

³⁶ PFLC, p. 594. Para a transcrição, utilizámos as convenções: [[]]: palavra ou expressão riscada; < >: palavra ou expressão interpolada. Ver *infra* quadro completo das convenções.

de uma visão histórica da situação portuguesa na Modernidade, e que conduz à discussão dos fins do homem, Marinho indica a necessidade de uma visão crítica da posição “gnóstica” de Fernando Pessoa, “o gnóstico” e da “agnóstica” de António Sérgio, valorizando a perspectiva de Pascoaes e de Leonardo, aponta o contributo da poesia e da filosofia para “a responsabilidade da plena manifestação”:

[...] 17) Sugerir que a situação portuguesa e espanhola da Contra-Reforma, hoje vista, não uma situação nacional para cada um dos povos ibéricos, nem uma autêntica situação histórica, pela tradição de fecundidade futura. É uma situação europeia. A teoria do equilíbrio europeu, ou de báscula.

18) Duplo sacrifício dos portugueses à Europa e aos interesses europeus: as descobertas, que nos não aproveitam, a Contra-Reforma, que estabelece o equilíbrio e nos não aproveita.

19) De como uns e outros não meditam a sério a situação de Portugal: não sem interrogam acerca da luz que se fez na alma do rei encoberto e dos seus pares depois de Alcácer e da Morte.

20) Suspensão: um republicano fala. Duplo significado de Encoberto: símbolo e realidade. Símbolo da verdade oculta que o pensamento desdenha. Realidade de liberdade, da justiça e da harmonia que tarda em [ser plenamente].

21) Perplexidade antiga e moderna sobre os fins do homem. Fins terrestres ou celestes? Como degeneração [?]. Coincidência da terra e do céu? Crítica de Fernando Pessoa (o gnóstico) e de António Sérgio (o agnóstico). Valorização de Pascoais e Leonardo Coimbra. Defesa da poesia e da filosofia que assumem a responsabilidade da plena manifestação. [...] ³⁷

³⁷ NIS, pp. 587-88.

Todavia, o fundo significado dessa distância surge nos apontamentos finais da recensão, nunca publicada, à obra de Nicolas Berdiaeff, *Essai de Métaphysique Eschatologique: acte créateur et objectivation*, provavelmente redigida circa 1952.³⁸

A referência a Pessoa tem de ser contextualizada. A recensão insiste na natureza cristã mas heterodoxa da metafísica berdiaeffiana do Espírito Santo, para apontar que nela “[...] livre é só o espírito e o Espírito Santo em que Deus se cumpre, e em que todo o revelado ganha último sentido é liberdade pura, suma e última. Nessa via todos seguem a quem o espírito foi dado e os próprios seres naturais como que sentem já intimamente transmutado seu ser imperfeito, já fictício já transitório.”³⁹

Ora, esta dimensão paraclética é afim tanto do pensamento de Sampaio Bruno, como do de Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes; a obra do poeta, tão convencionalmente admirado como incompreendido, é inspirada no apelo do Espírito Santo e no sentido apocalíptico”, pois:

“Agora, olhada na distância, toda a sua obra é apocalíptica. Nela incessantemente a luz que cega e ilude se volve sombra, e as formas sólidas da natureza se desvanecem como que antecipando sua transmutação.”⁴⁰

Surge então a referência a Fernando Pessoa; os termos utilizados correspondem à terminologia dos primeiros estádios da redacção da *Teoria do Ser e da Verdade*: o uso de “ligar” e “separar”, em vez de “unir” e “cindir”, próprio das versões posteriores, para indicar a vitalidade e ritmo do espírito; presente já a distinção da verdade oculta e a patente, mas em vez de “secreto” surge o “mais oculto”, e em vez de “revelado”, “o mais patente”, para

³⁸ Recensão a Nicolas Berdiaeff, *Essai de Métaphysique Eschatologique: acte créateur et objectivation* » ; TPPOS, pp. 637-638.

³⁹ Ibid, p.637.

⁴⁰ *Ibidem*.

definir as instâncias da tétrede enigmática da versão final. Aqui Marinho não hesita, por prolongamento da leitura de Berdiaeff mas também da sua mesma reflexão, em recorrer a um vocabulário teológico, trinitário, ao Espírito Santo e à iluminação.

O importante nestes apontamentos está na consideração de Fernando Pessoa como um teólogo, seguindo a sugestão de Leonardo Coimbra em *A Luta pela Imortalidade*, e na sua inserção na tradição apocalíptica, mesmo que o seu formalismo e classicismo o impeça de ver aquela vitalidade do espírito, que tudo liga e separa, que o mais oculto é o mais patente.

Igualmente significativo, valioso mesmo, para a compreensão dos textos que apresentamos, a caracterização da época contemporânea como momento apocalíptico, de “coisas terríveis”, em que homens e anjos sombrios convivem, antes da reintegração última na harmonia divina:

294

Também poderíamos falar de Fernando Pessoa. Leonardo Coimbra escreveu em 1916: os poetas portugueses não serão os nossos futuros teólogos?

Mas a Pessoa faltou, como falta a clássicos formais, ou modernistas informes o sentido do que liga e separa. Assim quando escreve (...)

O mesmo que liga separa, o mesmo que separa liga. Tal é o segredo de todo o pensar e de todo o viver dos homens. Faltou-lhe o sentido de que o mais oculto é o mais patente.

Assim Deus é o mais oculto e o mais patente. E o é incessantemente e incessantemente a luz do Espírito Santo nos alumia. Mas em certas fases, no fim de períodos imensos, a história e o tempo abrem todo o seu sentido. Fundem-se com o eterno. É coisa terrível. Mas ao homem e aos anjos sombrios estavam reservadas coisas terríveis antes de se reintegrarem na límpida e deslumbrante harmonia divina.⁴¹

⁴¹ *Ibid*, p. 638.

Talvez esta distância justifique, considerado o conjunto da obra, seja a publicada ou preparada em vida pelo filósofo, seja a deixada inédita, que sejam escassas as referências a Fernando Pessoa. Se estes elementos nos esclarecem a distância, que motivou a aproximação que é mencionada na carta a Eduardo Lourenço?

Que a sua atenção foi crescendo, um trecho de uma transcrição de um curso que Marinho proferiu, ano lectivo de 1965-66, no Sindicato Nacional de Professores, sobre “Pedagogias das Humanidades”, confirma-o. A transcrição é algo deficiente – lacunar, com evidentes erros e trechos e expressões que não foram percebidos pelo transcritor –, o que faz todavia transparecer a vivacidade da expressão oral de Marinho:

Se pelo contrário nós evocarmos um poema de Fernando Pessoa, _____ aquele cujo título natal... eu devo dizer que não há no Fernando Pessoa [...] **F. Pessoa é na vida espiritual portuguesa um cataclismo**, a linha, a minha linha, a linha de que eu venho é diferente, mas ele impôs-se-me por razões diferentes daquelas porque se me impõe a encantadora paralelistica de que há pouco vos falei. Recordais, decerto, o poema de Fernando Pessoa, eu aliás transcrevi-o para vós: o divino nasce ou morre, a verdade não veio nem sei se foi, o erro mudou. _____ tudo é oculto.

[...] Enfim porque ao professor F. Pessoa respeito, nós temos aí um poema que eu diria quase não é um poema, quase não é um poema para aqueles em que os valores emocionais ou os valores magníficos são primordiais, mas é que há também a poesia da não-poesia, e um por sinais mais maravilhosos que nós temos na grande poesia que possuímos, **que é a coisa mais extraordinária que fizemos, para mim é muito mais extraordinária do que os descobrimentos e as viagens marítimas do Vasco da Gama Afonso de Albuquerque**, um dos sinais mais estupendos da nossa poesia é que em determinada linha, e F. Pessoa é essa linha, nós encontramos alguma coisa que está fora, propriamente, está fora dessa tradição

dos cancioneiros, está fora daquela linha que culmina num poeta que eu mais amo, esse eu amo, Teixeira de Pascoais, **mas a verdade é que F. Pessoa se me impôs, e essa poesia da não-poesia tem uma significação que desafia, justamente o que a hermenêutica ... há qualquer coisa que nos a isso seduz, e nós sabemos que é de nossa responsabilidade, encontrar a luz para iluminar isto que está obscuro, como ele próprio, nesse poema, diz.**⁴²

Se considerarmos os três “poetas primaciais”, contrastam os vários textos interpretativos dedicados a Teixeira de Pascoaes: a dissertação de licenciatura, “Ensaio sobre a Obra de Teixeira de Pascoaes”, o projecto de livro que desenvolveu no início dos anos 50 e que genericamente recebeu o nome de “Teixeira de Pascoaes, Poeta da Saudade e das Origens”, dez anos depois, o artigo “Teixeira de Pascoaes, Poeta da Visão Unívoca”, de 1963⁴³, e, finalmente, em *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*, especialmente o capítulo “Filosofia Profética e Filosofia da Saudade”⁴⁴ – com a a escassez de textos que analisem ou mesmo mencionem José Régio e Fernando Pessoa

Impressiona esta escassez, sobretudo no caso de José Régio, amigo íntimo, companheiro de iniciativas literárias, que dedicou a Marinho *El-rei Sebastião*, mas que está quase inteiramente ausente dos seus textos, não obstante a intensa troca de correspondência que expressa a relação próxima, por vezes tumultuosa. Num dos cadernos de aforismos, *circa* 1970, um pequeno texto alude, sem nomear Régio, a essa proximidade tensiva:

O meu amigo de juventude era um impaciente, como impaciente eu era, por certo, aos seus olhos. Amávamo-nos e compreendíamos-nos pelo que havia de mais profundo em nossas

⁴² Conjunto de autógrafos, s.d., [Circa 1965], BNP Esp. E6 /3906.

⁴³ *Diário de Notícias*, 24 de Janeiro de 1963, DISP, p. 187.

⁴⁴ VCD, pp. 224-231.

almas, enquanto lutávamos e procurávamos destruir-nos pelo que unilateralmente um e outro exprimíamos.⁴⁵

Somente em 1969, primeiro, com a publicação do livro de poemas *Cântico Suspenso* e de *A Literatura de José Régio*, por Álvaro Ribeiro, depois, com o falecimento do poeta em Dezembro de 1969, Marinho se empenhou na redacção de um ensaio, que se transformou no propósito frustrado de colaboração no número de homenagem que a revista *Colóquio-Letras e Artes* dedicou ao poeta.

As circunstâncias da redacção dos textos sobre José Régio foram por nós já estudadas: tendo começado a escrever sobre Régio após a publicação da obra de Álvaro Ribeiro, *A Literatura de José Régio*, o falecimento do poeta em Dezembro de 1969 suscitou ao filósofo a urgência de redigir um texto sobre o seu percurso; solicitado a colaborar numa obra de homenagem a José Régio, promovida pela revista *Colóquio* nos primeiros meses de 1970, Marinho esboçou vários textos, que receberam sucessivos títulos: “José Régio e o sentido da Queda”, “José Régio poeta dos limites”, sem que nenhum tivesse sido terminado.

Tendo partido de uma releitura intensa do percurso literário e pessoal de José Régio para encontrar, na hermenêutica da sua poesia, o nódulo hermenêutico da sua visão poética, Marinho foi progressivamente conduzido a reflectir sobre os afinidades e contrastes da sua poesia com a de Pascoaes e a de Pessoa.

No que parece ter sido o estádio final de redacção desses manuscritos, Marinho decidiu desenvolver o ensaio “José Régio e a Assumpção do Nada”, interpretando a poética de Régio, mas também a de Pascoaes e a de Pessoa, a partir de noções teóricas próprias do

⁴⁵ Conjunto de autógrafos, s.d., [Circa 1970], BNP Esp. E6/3563.

seu próprio pensamento: cisão, visão unívoca, insubstancial substante, trânsito e recurso, radicalizando o tema de debates entre os literatos conviventes, entre eles o próprio Régio.

Quanto a Fernando Pessoa, apenas se encontram alusões, decerto densas, mas contidas: aquelas que já referimos, uma referência quase circunstancial em *Filosofia. Ensino ou Iniciação?* e com maior frequência, em *Verdade, Condição e Destino*, mas sem desenvolvimento e, regra geral, por contraposição a outros pensadores, como veremos abaixo.

É neste quadro que ganham interesse os quatro textos que apresentamos: redigidos muito provavelmente no início da década de 1970, os textos, inéditos, correspondem a transcrições de manuscritos integrados num dos conjuntos que compõem o espólio do filósofo na Biblioteca Nacional de Portugal, e são os únicos, até ao estado actual do estudo do arquivo literário de José Marinho, que parecem centrar-se na interpretação de Fernando Pessoa.

298

Incompletos, fragmentados alguns, estes quatro textos não têm entre si aparente continuidade: corresponderiam, ou a diversos momentos de um escrito mais vasto, ou, mais provavelmente, destinar-se-iam a textos diversos partilhando a mesma temática. Apesar da brevidade e desconexão, o seu interesse reside, não propriamente na sua excepcionalidade factual – ainda que esporádica e contidamente, Fernando Pessoa é referido desde 1929 até à obra publicada postumamente – mas, como tentaremos mostrar no ensaio que anunciamos já, pela potencialidade hermenêutica que contêm.

No espólio, o conjunto em que se estes textos estão inseridos, genericamente intitulado “Filosofia e Poesia”, reúne na verdade vários sub-núcleos, integrando textos manuscritos, ainda que haja algumas transcrições dactiloescritas; os textos possuem títulos de temática afim: “Palavra e palavra poética”, “Meditação Poética”, “Sobre a Poesia”, “Poesia e Filosofia”, “Pequena Antologia Poética”. Algumas páginas destinar-se-iam a um curso sobre

poesia, que pretendia estudar poemas de Pascoaes, Régio e Carlos Queiroz⁴⁶, outras, a lições sobre Arte, Estética e Filosofia, realizadas no âmbito das actividades do Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian. Em geral, são textos com o tipo de caligrafia e de papel que Marinho utilizava nos anos 70, ainda que haja alguns textos que exibem uma caligrafia e um tipo de papel mais antigos, provavelmente do final da década de 50.

Partilhando todos a temática das relações entre Filosofia e Poesia, terão, pelos menos alguns deles, relações entre si? Um manuscrito aponta um esquema que permite articular vários dos textos fragmentados num propósito coerente:

O que é poesia? Introdução

Poesia, filosofia e ciência

O valor formativo da poesia

Poetas contemporâneos⁴⁷

O que pareceria ser um modo feliz de inserir os quatro breves textos, tornou-se, a uma leitura mais cuidadosa, uma fonte de perplexidades: a que poetas contemporâneos se referiria a última alínea deste esquema? A Pascoaes, Pessoa e Régio, ou a Pascoaes, Régio e Carlos Queiroz? Os quatro textos dedicados a Fernando Pessoa, podendo ser inseridos na última alínea, não deixam, no entanto, subentender uma relação, nem com a diferenciação de filosofia da poesia e da ciência, nem com o valor formativo da poesia, e os fragmentos

⁴⁶ Não obstante a inventariação geral do espólio, permanecem por estudar em detalhe vários núcleos de fragmentos; no estado actual da investigação é evidente a relação do núcleo “Poesia e Filosofia” com os escritos sobre José Régio, já estudados por nós em “José Marinho, intérprete de José Régio”, *Estudos Regianos*, nº 26, Junho-Dezembro, 2019, pp. 19-68. Dada o estado muito fragmentário destes excertos, ter-se-ão de encontrar eventuais manuscritos que os complementem em outros núcleos do espólio.

⁴⁷ Os manuscritos referidos encontram-se no conjunto BNP Esp. E6/3902.

que se podem referir a estas alíneas mostram um estilo de escrita muito diverso dos que se referem Pessoa.

Após várias tentativas de reconstituição de ligações, julgámos conveniente estabelecer a articulação destes quatro textos, por um lado, com a redacção do que irá surgir alguns anos mais tarde como *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*, obra que vinha ocupando Marinho desde 1960 e que foi tomando várias denominações “Estudos de pensamento português contemporâneo”, “Significado e valor do pensamento português contemporâneo”, e, por outro, com três outros conjuntos de manuscritos: em primeiro lugar, os escritos sobre José Régio a que aludimos acima, em segundo lugar, com as respostas do filósofo a um inquérito que lhe foi colocado por Orlando Vitorino, provavelmente circa 1971, que seria a base a uma entrevista ficcional na qual Marinho exporia o seu percurso e a sua visão do mundo – projecto nunca concluído, por Marinho ter deixado inacabadas e fragmentadas as tentativas de resposta que ensaiou; finalmente, com os textos, sobretudo aforísticos, redigidos em vulgares sebentas e folhas soltas, que constituem o repositório do pensamento especulativo mais relevante de Marinho, sobretudo entre 1970 e 75.

Os quatro textos são nesta apresentação identificados pelas quatro primeiras letras alfabéticas. O texto A, breve, duas páginas manuscritas, o único que exhibe como título “Fernando Pessoa”, evoca o registo histórico-literário em que se inserem, na tradição literária portuguesa, entre 1870 e 1970, poetas que pensam através da poesia - Marinho recorre à expressão de “poetas-pensadores”: Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoes e Fernando Pessoa; poderia ser ter sido redigido em paralelo a *Verdade, Condição e Destino*, perspetivando o pensamento português desde a poesia.

O texto B, brevíssimo, uma página manuscrita, redigida na frente e no verso, apresenta Fernando Pessoa em contraste com a tradição poética, como um “poeta na cisão extrema”.

O texto C, o mais extenso, dezassete páginas manuscritas, numeradas, mas sem título, comenta o primeiro verso de “Autopsicografia”, “todo o poeta é um fingidor”, para situar o repúdio da visão poética de Pessoa por Régio e por Pascoaes; poderia ter sido concebido como um ensaio ou artigo que ficou inacabado.

O texto D, dez páginas manuscritas retiradas de um bloco, relativamente extenso e articulado, também inacabado, parte da consideração da “sombra” em Pascoaes para considerar a “audácia” de Pessoa - e compará-la com a “audácia” de Pascoaes.

Apesar de breves, os textos permitem reconhecer simultaneamente uma articulação e uma progressão da meditação: o texto A insere Fernando Pessoa na tradição de poetas-pensadores; o texto B refere-o como poeta *na* cisão extrema; os dois últimos textos, C e D, aprofundam a posição de Fernando Pessoa na situação contemporânea: por um lado ele surge como o poeta, não apenas *na*, mas *da* cisão extrema, que comete, por outro, uma audácia, uma extrema audácia, só comparável à audácia de Pascoaes, ousadia cujo alcance os faz transcender a própria situação portuguesa.

A relevância hermenêutica destes textos terá, todavia, de ser aprofundada em outro texto, um ensaio de exegese e de hermenêutica que procure, num primeiro momento, a determinação dos supostos hermenêuticos implícitos a todos os textos, e que julgamos ser a concepção histórico-ontológica, presente, mas de modo incoativo, nas alíneas atrás referidas de “A Saudade na Ilha Encoberta”, e que só surge desenvolvida em *VCD*, de uma consideração da situação antropológica, da condição do homem, tendo em conta a verdade do ser, seja na dimensão existencial, seja soteriológica e escatológica.

É neste âmbito, tendo presente, de modo não ostensivo, o que tinha sido alcançado na *Teoria do Ser e da Verdade*, que se compreende o sentido das filosofias situadas, em particular, a situação do pensamento português em que se insere Fernando Pessoa. A sua posição de poeta-pensador é considerada por Marinho sempre em referência a filósofos e poetas, como Sampaio Bruno e Guerra Junqueiro, também Pascoaes e Régio, como um momento de uma crescente radicalização do sentido moderno de cisão. Pessoa não surge pois como figura isolada, mas como índice e protagonista da cisão extrema de ser e verdade que rege o pensamento contemporâneo - não apenas o português, mas o europeu.

O segundo momento desse ensaio procurará alcançar o nódulo da interpretação da poética de Fernando Pessoa, que emerge das afinidades e contrastes entre os três “poetas primaciais”: Pascoaes, Pessoa e Régio, interpretados cada um por referência a uma noção essencial da *Teoria do Ser e da Verdade*: visão unívoca, cisão e trânsito e recurso. Mas que significa tomar Pessoa como o “poeta da cisão extrema”? Que significa, na amplitude da especulação da *Teoria*, cisão extrema como modo ontológico, momento da vida do espírito e época de uma histórica onto-lógica?

Para o último momento da nossa proposta exegética e hermenêutica, importará atender a que a aproximação da poética de Fernando Pessoa ocorre, não apenas após a tematização da “assunção do Nada”, na *Teoria do Ser e da Verdade*, do “ateísmo iniciático”⁴⁸, mas no termo do processo meditativo que ocupou Marinho nos anos 60 e 70, e que genericamente denominou “Da Assunção do Nada para a Liberdade Divina”. É nele que surge o projecto de uma “antropologia renovada”, que se mostra nos escritos publicados e inéditos até meados da década de 60, depois de uma “cosmologia poética”, desenvolvida em textos breves e aforismos no final da década. Poder-se-á supor que nos últimos anos da sua

⁴⁸ *Teoria*, p.92.

existência, no início dos anos 70, as preocupações especulativas de Marinho se colocaram questões de ordem teológica, radicalizando os aspectos escatológicos⁴⁹ discretamente aludidos em *VCD*? Significativo pois compreender adequadamente as audácias que Marinho refere em Pascoaes e Pessoa. Em íntimo diálogo com os “poetas primaciais”, comete também o seu pensamento uma outra audácia, já não poética, mas filosófica?

⁴⁹ *VCD*, p.240.

Na transcrição dos manuscritos seguimos as seguintes convenções:

[[]]: palavra ou expressão riscada;

< > : palavra ou expressão interpolada;

// : termo da folha manuscrita.

[...] : frase inacabada.

/ : corte da escrita que prossegue no verso da página manuscrita. A mesma convenção identifica a página em que a redacção prossegue.

Nos casos de ausência de paginação original, estabeleceu-se uma sequência alfabética das folhas, com indicação v do verso dos manuscritos.

Colocaram-se entre parêntesis rectos intervenções do editor.

II

Texto A Fernando Pessoa

Dos poetas portugueses que filosofaram, atribui-se a Antero de Quental o mais excelso ou significativo negar. Tal valorização que devemos a Leonardo Coimbra, António Sérgio e Joaquim de Carvalho, é fortemente contestada na geração seguinte. Antero está no purgatório das ideias para usar a expressão de António Sardinha, dos nossos involuntários responsáveis por esse e por outro purgatório.

O autor destas despretensiosas notas considera-se numa exceção talvez infeliz pois continua a admitir que no indistinto do pensamento e da poética de Antero há algo muito sério e fundo, embora fracassado, para usar a expressão de Santana Dionísio, algo muito sério e fundo da vida espiritual portuguesa na centúria que vai aproximadamente de 1870 até aos dias de hoje.

305

Fernando Pessoa

Dos poetas portugueses que filosofaram, atribui-se a [[Ant Ante]] Antero de Quental o mais excelso ou significativo negar. Tal valorização que devemos a Leonardo Coimbra, António Sérgio e Joaquim de Carvalho, é fortemente contestado na geração seguinte. <Antero está no purgatório

das ideias para usar a [[visão de]] expressão de António Sardinha, dos <nossos involuntários> responsáveis por esse e por outro purgatório.>

O autor destas desprezíveis notas considera-se <[[nesta]]> numa exceção <talvez infeliz> pois continua a admitir que no <indistinto> [[fundo]] do pensamento <e da poética> de Antero há algo [[de]] muito sério e fundo, embora fracassado, para usar a expressão de Santana Dionísio, algo muito sério //

[b] e fundo [[insisto, sem o que não alcança pelo pleno sentido da]] <de que depende a adequada interpretação]] da vida espiritual portuguesa [[neste]] na centúria que vai [[de meados do século XIX 1870 à]] aproximadamente de 1870 até aos dias de hoje.

[[A de Posto, porém, de lado,]] [[Posto, porém, de lado <[[por algumas]] aqui> o caso de Antero, que [[pensamos]] <podemos pensar> dos poetas que, depois dele filosofaram, um Junqueiro, <um Teixeira de Pascoais> e um Fernando Pessoa, [[até agora os dois]] <os três mais dotados e ousados poetas-pensadores ou pelo intrínseco valor das suas visões ou pelo exercício]] //

Texto B

[Fernando Pessoa, poeta na cisão extrema]

Filiado na corrente onde a falta de inspiração, ou a inspiração suspensa, situa o escritor na contingência de fingir, e seguir assim o pendor, [...]

Toda a obra de Fernando Pessoa se situa na cisão extrema, para empregar uma noção de tão amplo sentido quanto difícil a tantas pessoas lúcidas. Daí, que ele careça de graça, da ingenuidade, da inocência, da simplicidade, mas também do ardor, do entusiasmo, do verbo directo, comunicativo, arrebatador, aquilo que faz o fundo da nossa poesia tradicional e não só dela. Entretanto, se [se] pode negar poesia a Pessoa naquele lírico sentido, ou no que na epopeia e no drama o mantém, capital é advertir que a nossa poética e o saber de poetar, com todas as implicações filosóficas, sóficas míticas ou proféticas, não pode menos que tê-lo gravemente em conta: o que aliás se verifica.

307

[Sem título]

Filiado na corrente onde a falta de inspiração, ou a inspiração suspensa, situa o escritor na contingência de fingir, e seguir assim o pendor, [...]

Toda a obra de Fernando Pessoa se situa na cisão extrema, para empregar uma noção [[hoje]] de tão amplo sentido quanto difícil a tantas pessoas lúcidas. Daí, que ele [[não passa]] careça de

graça, da ingenuidade, da inocência, da simplicidade, [[de tudo quanto faz o fundo]] mas também do ardor, do entusiasmo, [[da palavra]] <do verbo> directo, comunicativo, <arreatador,> aquilo que faz o fundo da nossa poesia tradicional e não só [[da nossa poesia tradicional]] <dela>. Entretanto, [[se]] se pode negar poesia a Pessoa naquele <lírico> sentido, ou no que na epopeia e no drama o mantém, [[é uma]] capital //

[av] <é advertir que a nossa poética e o saber de poetar, com todas as implicações [[já]] filosóficas, sóficas [[ou]] míticas ou proféticas, não pode menos que tê-lo gravemente em conta: o que aliás se verifica>./.

Texto C
[“O poeta é um fingidor”]

O interesse pela poesia de Fernando Pessoa continua a afirmar-se, ou se explique pelos altos méritos do escritor, ou da consciência singular embora multímota que preside à sua obra, ou por o que nesta haja de revelador da situação do homem ou do próprio país.

Várias vezes os seus admiradores ou intérpretes se detiveram perante *O poeta é um fingidor* como se essa breve poesia tivesse ou guardasse algum importante segredo do próprio Poeta, da sua poesia ou da situação espiritual mais ampla ou mais contacta que nela se traduz.

O primeiro problema é o de saber se podemos aceitar o verso como proposição ou sentença e conferir-lhe então carácter de afirmação universal.

Então, se entendemos o verso como “Todo o poeta é um fingidor”, logo verificamos que não pode ser isso que o verso significa. Pois é impossível na verdade pensar que todo o poeta, em todos os modos de poetar, seja um fingidor ou possa apresentar-se como o que finge. Então teremos de entender aproximadamente isto:

[Sem título]

O interesse pela poesia de Fernando Pessoa continua a afirmar-se, ou se explique pelos [[valor do poeta]] <altos méritos do escritor,> ou da consciência singular embora multímota que

preside à sua obra, ou [[por]] por o que nesta haja de revelador da situação do homem ou do [[seu]] próprio país.

Várias vezes os seus admiradores ou intérpretes se detiveram perante O poeta é um fingidor //

[2] como se [[se esta]] <essa breve> poesia tivesse ou guardasse algum importante segredo do próprio Poeta, da sua poesia ou da situação espiritual mais ampla ou mais contacta que nela se traduz.

O primeiro problema é o de saber se podemos aceitar o verso como proposição ou sentença e [[dar lhe]] conferir-lhe então carácter de afirmação universal. //

[3] Então, se entendemos o verso como “Todo o poeta é um fingidor”, logo [[teremos de]] verificamos que não pode ser isso que o verso significa. Pois é impossível na verdade pensar que todo o poeta, em [[todas as]] todos os modos de poeatar, seja um fingidor ou possa apresentar-se como o que finge. Então teremos de entender aproximadamente //

[4] isto:

O poeta como eu, Fernando Pessoa o vejo, é um fingidor.

Ou então:

O poeta como eu posso ser é um fingidor.

Como é entretanto possível que tenhamos, para evitar uma interpretação inadequada, cair noutra, passando de uma universalidade ilimitada para uma singularidade demasiado limitativa, convém regressar sobre o que vimos. Tudo parece então quedar dependente do sentido de fingir.

Cabe notar, qualquer que seja o resultado desta outra tentativa de interpretação, que Pessoa se apresenta na nossa poesia como o que teve a mais aguda consciência do *fingimento*. Ele é, noutros termos, aquele de entre os nossos poetas que ou mais completamente perdeu a inocência ou que, tendo-a perdido, dessa perda guarda mais aguda consciência. Pois é frequente, ou quase comum, perder a inocência, mas como perda inocente da inocência.

311

O poeta como eu, Fernando Pessoa o vejo, é um fingidor.

Ou então:

O poeta como eu posso ser é um fingidor.

Como é entretanto possível que tenhamos, para evitar [[uma gene generalização]] uma interpretação inadequada, cair noutra, passando de uma universalidade ilimitada para uma singularidade demasiado limitativa, convém //

[5] regressar sobre o que vimos. Tudo parece então quedar dependente do sentido de fingir.

Cabe notar, qualquer que seja o resultado desta outra tentativa de interpretação, que Pessoa se apresenta na nossa [[poesia]] poesia como o que teve a mais aguda consciência do fingimento. Ele é, noutros termos, aquele de entre os nossos poetas que ou mais //

[6] completamente perdeu a inocência ou que, tendo-a perdido, dessa perda guarda mais aguda consciência. Pois é frequente, ou quase comum, perder a inocência, mas como perda inocente da inocência. [[Então todo o ser se conforma com essa perda, ou da luta que se trava intimamente entre o]]

O pecador conforma-se com o seu pecado, ou da luta que nele se trava entre a inocência e o pecado resulta sempre que a consciência do bem perdido se torna cada vez mais ineficaz. O estado pecaminoso torna-se, para usar uma velha expressão, segunda natureza. Então, porém, o pecador comum mantém-se inocente ou ingênuo neste duplo sentido: inocente porque o mesmo mal que a si faz ou a outros, não é consciente de si, ingênuo porque ele não alcança verdadeiramente o seu segundo nascimento. Mantém-se com seu instinto, seu hábito, ou seu querer deficientemente esclarecido, na condição de quem vive no ciclo da necessidade, oscilante entre o homem e o bicho, solicitado pela condição angélica ou demoníaca.

Assim, ao escrever poeticamente “o poeta é um fingidor”, Fernando Pessoa renega uma vez mais a alta Poesia tradicional, consente por amor da liberdade, e com todas as consequências, no pecado original, assume a negação demoníaca, rompe todo o liame instintivo com a Natureza ou todo o vínculo da fé e da intuição com Deus, na ordem religiosa, com o absoluto, na ordem filosófica ou metafísica.

O pecador conforma-se com o seu pecado, ou da luta que //

[7] nele se trava entre a inocência e [[a]] o pecado resulta sempre que a consciência do bem perdido se torna cada vez mais ineficaz. [[A situação O pecado]] O estado [[do]] pecaminoso torna-se [[então]], para usar uma velha expressão, [[uma]] segunda natureza. Então, porém, o pecador comum mantém-se inocente ou ingênuo neste <duplo> sentido: inocente porque o mesmo mal que //

[8] a si faz ou a outros, não é consciente de si, ingénuo porque ele não alcança verdadeiramente o seu segundo nascimento. Mantém-se com seu instinto, sem hábito, [[ou]] <ou> seu querer deficientemente esclarecido, na condição de quem vive no ciclo da necessidade, oscilante entre o homem e o bicho, solicitado pela condição angélica ou demoníaca. //

[9] Assim, ao escrever poéticamente “o poeta é um fingidor”, Fernando Pessoa renega uma vez mais a alta Poesia tradicional, consente por amor da liberdade, e com todas as consequências, [[d]] no pecado original, assume a negação demoníaca, rompe todo o liame instintivo com a Natureza ou todo o vínculo [[da intuição e]] da fé <e da intuição> com [[um divino]] Deus, na ordem //

[10] religiosa, com o absoluto, [[se na garantia filosófica metafísica da]] na ordem filosófica ou metafísica.

“O poeta é um fingidor” porque não há garantia de uma relação permanente entre o que constitui o próprio fundo do Ser e do sentido do Ser com o amor do homem, a sua imaginação e o seu pensamento. Em Fernando Pessoa, o que chamamos cisão afecta de modo absoluto não apenas a relação do homem para Deus, mas o que é mais grave, o que é decisivamente grave, o que tem todo o peso da queda sem regresso, a relação de Deus para o homem. Toda a escatologia afirma, toda a soteriologia, aparece então anulada:

Esta simples interpretação de “o poeta é um fingidor”, que pressupõe evidentemente ter atendido a outros aspectos da obra de Pessoa, torna compreensível várias coisas. Em primeiro lugar, o repúdio de Régio, na medida em que, para este, independentemente do homem e das condições do existir terrestre, sempre “pincha e repincha a prole ao sete-estrela”, ou, o que é o mesmo sempre, está garantido, quaisquer que sejam as vicissitudes do sentir, imaginar, crer e pensar do homem, sempre está garantida a mediação entre Deus e homem, ou essa mediação seja a mediação de Cristo, ou a mediação angélica, ou algo que veladamente o poeta aspira ou respira. Em segundo lugar, compreende-se o repúdio de Pascoais e dos poetas da Renascença Portuguesa, bem como a alusão depreciativa que n’*A Luta pela Imortalidade* Leonardo Coimbra faz aos [...]

“O poeta é um fingidor” porque não há garantia de uma relação permanente entre o que constitui o próprio fundo do Ser e do sentido do Ser com o amor do homem, a sua imaginação e o seu pensamento. Em Fernando Pessoa, o que chamamos cisão afecta de modo //

[11] absoluto não apenas a relação do [[Deus e da Nature]] <homem> para [[o homem]] <Deus>, mas o que é mais grave, o que é decisivamente grave, o que tem todo o peso da [[descida

sem]] queda sem regresso, a relação de Deus para o homem. Toda a escatologia afirma, toda a soteriologia, aparece então anulada:

Esta simples interpretação //

[12] de “o poeta é um fingidor”, que pressupõe evidentemente [[a leitura]] ter atendido a outros aspectos da obra de Pessoa, torna compreensível várias coisas. Em primeiro lugar, o repúdio de Régio, na medida em que, para este, [[sempre e]] independentemente do <[[sentir, imaginar, pensar e ver]]> homem e das condições do existir terrestre, sempre “pincha e repincha a prole ao sete-estrela”, ou, o que é o mesmo <sempre>, está garantido, //

[13] quaisquer que sejam as vicissitudes do sentir, imaginar, crer e pensar do homem, sempre está garantida a mediação entre Deus e homem, ou essa mediação seja [[como na primeira fase da sua obra]] a mediação de Cristo, ou a mediação angélica, ou algo que veladamente o poeta aspira ou respira. Em segundo lugar, compreende-se o repúdio de Pascoais e dos poetas da Renascença //

[14] Portuguesa, bem como a alusão depreciativa que n’A luta pela Imortalidade Leonardo Coimbra faz aos

Não é agora, como no caso de José Régio e seus análogos poetas de uma universalidade firmada na mais extrema melancolia ou na esperança do próprio desespero, que a cisão absoluta da poética de Fernando Pessoa é negada. Mas no sentido e uma mediação cósmica, no sentido de que a memória essencial, ou saudade, tem garantia na verdade de tudo e no ser de cada coisa, o mais extrínseco e efémero, o mais trivial, não podendo pois o homem, ou no sentido de Fernando Pessoa ou no sentido de Régio decidir do originário e mais actual sentido da vida numa relação anímico-espiritual.

Em termos cristãos e católicos poderia dizer-se que o chamado modernismo em seu conjunto não atendeu o significado profundo do corpo e da carne, e da simbólica do corpo e da carne, pelo que não alcançou o sentido da simbólica e a autêntica universalidade do pensamento e da actividade humana.

Não é agora, como no caso de José Régio [[e os poetas da segunda modernismo, ou]] e seus análogos poetas de uma universalidade firmada na mais extrema melancolia ou na esperança do próprio desespero, que a cisão absoluta //

[15] da poética de Fernando Pessoa é negada. Mas [[numa]] no sentido e uma mediação cósmica, no sentido de que a memória essencial, ou saudade, tem garantia na verdade de tudo e no ser de cada coisa, o mais extrínseco e efémero, o mais trivial, não [[pedia]] podendo pois o homem, ou no sentido de Fernando Pessoa //

[16] ou no sentido de Régio [[tudo]] decidir do originário e mais actual sentido da vida numa relação anímico-espiritual.

Em termos cristãos e católicos poderia dizer-se que o <chamado> modernismo em seu conjunto não atendeu o significado profundo do corpo e da carne, e da simbólica do corpo e da carne, pelo que [[nati]] <não> alcançou //

[17] o sentido da simbólica e a autêntica universalidade do pensamento e da actividade humana. //

Texto D
[Duas audácias]

*E viu que o último reino transcendente,
Pela sua estrutura e natureza,
Se casava, profunda e intimamente,
Com a sombra fantástica da origem.*

Estrutura queda natureza
A estrutura corresponde profunda
A natureza corresponde intimamente

319

Sombra fantástica da origem, a origem não pode nela mesma alcançar-se. Sempre que nos fala da Origem, Pascoais, como outros poetas, situa-a no remoto.

A sombra aparece aqui numa das suas expressões culminantes e mais amplas. A sombra da origem, segundo o mais autêntico pensamento do Poeta, está não só para além da sombra do homem, e as sombras da Natureza, sombra da árvore, do neutro, mas também, nalguns dos possíveis sentidos, para além da sombra de Deus.

[Sem título]

[a] E viu que o último reino transcendente,
Pela sua estrutura e natureza,

Se casava, profunda e intimamente,
Com a sombra fantástica do origem.

Estrutura queda natureza
A estrutura corresponde profunda
A natureza corresponde intimamente

Sombra fantástica da origem, a origem não pode nela //

[b] mesma alcançar-se. Sempre que nos fala da Origem, Pascoais, como outros poetas, situa-o no remoto.

320 A sombra aparece aqui numa das suas expressões culminantes e mais amplas. A sombra da origem, segundo o mais autêntico pensamento do Poeta, está não só para além da sombra do homem, //

[c] e as sombras da Natureza, sombra da árvore, [[sombra]] do [[homem]] neutro, mas também, /

/ [cv]<nalguns dos possíveis sentidos, para além da sombra de Deus.> /

As últimas gerações admiradoras de poetas, atentas às revelações e profecias de poetas, fixaram-se em Fernando Pessoa, poeta da extrema audácia. Para essa audácia, em várias formas assumida, se desdobrou ele em heterónimos.

Se pretendermos, se ousarmos sumariar tal audácia, vê-la-emos no dizer «a distância impossível de percorrer». Tal dizer se concerta intimamente com um dos poemas breves que escreveu sobre o Natal:

*Não procurei, nem creio,
Tudo é oculto.*

321

/ As últimas gerações [[admiradoras de poetas]] admiradoras de poetas, atentas às revelações e profecias de poetas, fixaram-se em Fernando Pessoa, poeta [[das]] da extrema audácia. Para // [d] essa audácia, em várias formas assumida, se desdobrou ele em heterónimos.

Se pretendermos, <se> ousarmos sumariar tal audácia, vê-la-emos [[em sua referência]] no dizer «a distância impossível de percorrer». Tal dizer se concerta intimamente com um dos poemas // [e] breves que escreveu sobre o Natal:

Não procurei, nem creio,
Tudo é oculto.

Cifra-se a audácia de Fernando Pessoa em excluir toda a mediação entre o homem e a origem do ser ou o princípio de toda a fé e todo o saber. Perante o cristianismo e toda a tradição religiosa da humanidade, perante toda a mística, a filosofia nas suas várias formas, Pessoa ergue a sua forma de extrema negação. E essa negação retira toda a sua força de não ser a negação do homem. Outro que o homem se nega no homem, perdida ou jamais alcançada a possibilidade de atribuir sentido, de o memorar ou reconhecer. Pois é o próprio ser que se oculta numa Noite que se nos oferece com seu genesíaco poder mas oculta em si ou antes de si a luz que se nos finge em nosso pensar e se finge em todas as estrelas, em todos os sóis.

322

Cifra-se [[o]] a audácia de Fernando Pessoa em excluir toda a mediação entre <o homem e> a origem do ser ou o princípio de toda a fé e todo o saber. Perante [[a]] //

[f] o cristianismo e toda a tradição religiosa da humanidade, perante [[toda a filosofia, a mais]] toda a mística, a filosofia nas suas várias formas, Pessoa [[se e ergue]] ergue a sua forma de extrema negação. E essa negação [[tem toda]] //

[g] retira toda a sua força de não ser a negação do homem. Outro que o homem se nega no homem, perdida ou jámais alcançada a possibilidade de atribuir sentido, de o memorar ou reconhecer. Pois é o próprio ser //

[i] que se oculta numa Noite que <se> nos oferece com seu genesíaco poder mas oculta em si ou antes de si a luz que se nos finge em nosso pensar e se finge em todas as estrelas, em todos os sóis. //

A verdade queda assim fora não só da nossa compreensão mas de qualquer apreensão intuitiva, não só porque nós não tenhamos possibilidade de alcançá-la, mas porque ela se nos oculta. Só, pois, numa incisão não só pela morte, mas para além da morte, pois que a morte é ainda pequeno envoltório de outras mortes¹, o sumo segredo da natureza e o alto mistério do Espírito gradual e subitamente se descerrarão. Poeta da poesia que de si e suas tradições milenárias se despede, filósofo da filosofia impossível, religioso de nenhuma fé, Fernando Pessoa casa em si as duas tradições (de que provém): o helénico sofisma da iniciação na treva com a gnose hebraica.

[j] A verdade queda assim fora [[ele]] não só da nossa compreensão mas de qualquer apreensão intuitiva, não <só> porque nós não temos [[dos]] possibilidade de alcançá-la, mas porque ela se nos oculta. Só, pois, numa incisão não só pela morte, mas //

[k] para além da morte, pois que a morte é ainda pequeno envoltório de outras mortes, /

/[kv] a distância impossível de percorrer e a situasse[?] //

/o sumo segredo <da natureza> e o alto mistério do Espírito gradual e subitamente se descerrarão. Poeta da poesia que //

[l] de si e suas ilusões maternas se despede filósofo da filosofia impossível, religioso de nenhuma fé, Fernando Pessoa casa em si <eis duas direções de que percorremos o helénico> sofismo da iniciação na treva com a gnose hebraica. [[de todo o saber]] //

Porque intentámos nós dizer que em Pascoais há outra audácia? E porque razão é essa outra audácia invisível?

O valor da imaginação
fé apesar de tudo
culpa apesar de tudo
a mediação da natureza

Confusão em Pessoa e semelhantes

secreto e patente

a assumpção do sim e do não

oculto e revelado

324

¹ A distância impossível de percorrer e a situasse[?]

[m] Porque [[in]] intentamos nós dizer que em Pascoais há outra audácia? E porque razão é essa outra audácia invisível?

O valor da imaginação
fé apesar de tudo
culpa apesar de tudo
a mediação da natureza

Confusão em Pessoa e semelhantes

secreto e patente

a assumpção do sim e do não

oculto e revelado //